



O que perpassa: um estudo do corpo enquadrado pelas informações midiáticas nas redes sociais¹ **What it passes: a study of the body framed by media information on social media**

Guilherme Martins²

Palavras-chave: Bios midiático; afeto; corpo.

Após pesquisas relacionadas ao corpo e afetação, há uma angústia que norteia meu projeto de conclusão de curso. Imerso em um *bios midiático*, o indivíduo permanece imerso no fenômeno da realidade que se criou. Dentro dessa lógica mercantilizada, o social perpassa por caminhos tecnológicos e estruturantes que já necessitam de uma conexão com as redes sociais. O ritmo estimulante e conectado, faz com que criamos novas demandas e exigências, tal fenômeno, por exemplo, é a necessidade de existir nessa nova ecologia.

Em virtude dessa experiência (ou vivência), a realidade que nos liga agora está em relacionamento constante com pessoas, por meio destas novas próteses que configuraram e reterritorializaram nossa concepção do próximo e do que é o nosso cotidiano. O espaço já não se comprime em paredes, mas atende necessidades de escalas globais. O tempo se configura como escasso devido às inúmeras informações pela qual estamos submetidos.

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Estudante de Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero, estudante de Filosofia na Universidade de São Paulo, pesquisador. guilhermembatisa@gmail.com



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

No Facebook, o compartilhamento e interação entre seus usuários possuem um *ethos* com características peculiares, que permitem que se enquadre padrões buscados em seus amigos, páginas curtidas, grupos, graças ao algoritmo, sendo atravessado apenas por propagandas, que ainda sim não constituem a periferia de seu interesse. No Twitter, o tempo real alcança localidades distintas em um frenesi constante que ressoa e ecoa pelos tweets cada assunto que se torna do momento, rankeados pela métrica intensiva de contagem, que podem ou não ser obras do acaso, e por propagandas que são promovidas.

As duas redes impõem, cada uma com suas regras e capacidades de engajamentos características que as definem e envolvem seus usuários, misturados entre grupos do mercado que se interessam por aqueles dados e consumidores. Na medida em que se insere uma informação dentro desta ecologia, o julgamento passa a ocorrer. A interatividade torna-se um elemento que une os usuários, faz a máquina tomar rumos de acordo com aquilo que já é pré-determinado e o agenciamento dos enunciados são desenvolvidos em mínimos tweets, comentários, curtidas ou até em visualizações. Até a hesitação já é um parâmetro para medir posts.

Esse processo de agenciamento enquadra certos tipos de *ethos* e possui determinados comportamentos dentro de cada campo que se cria: pode tanto coagir certos usuários que ali estão quanto pode inflama-los, na tentativa de engajar. O que se percebe já é sempre a tendência de criar e necessidade de circular afetos, pois, dentro da sociedade tecnocientífica e a racionalidade que é característica social, o que se busca sempre é maximizar, dar eficiência àquilo e, dentro das redes sociais, o que conta é a métrica que cada uma tem. Portanto, surge a emoção, os afetos, o sentimento como uma capacidade de extrair e aproximar o mundo digital e o de vigília.

Com determinadas ações que são fruto de uma notória necessidade de manter-se vivo e máximo dentro das redes digitais, é necessária uma abordagem compreensiva diante dos afetos que circulam. Compreender certos aspectos que o enquadramento das informações promove, principalmente pela sua mutação estética diante dos indivíduos.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Este artigo busca trazer um diálogo entre autores que se conectam pela circulação das percepções e afetos nas mídias sociais, mesmo que não atuem e compartilhem de suas ideias diretamente associadas aos fenômenos midiáticos nas redes. Afinal, uma compreensão do corpo diante destes novos aspectos exige um olhar também sobre suas características em outra lógica.

O processo midiático das redes sociais não se compara ao processo de mídias de massa. Os aspectos interativos, algoritmizantes, de engajamento, não se assemelham muito à lógica uniformizante de promover ideias a massa. Tal fato, em relação ao corpo, assemelha-se a concepção daquilo que é real por Pierce, dentro do *Corpos sem Órgãos* que se cria por certos tipos de enquadramento geram certos tipos de condicionamento real daquilo que cada um enxerga, vê e cria para si próprio. Os signos que se deleitam em cada uma das pequenas comunidades individualizantes que se cria nas redes sociais se diferenciam e criam concepções únicas, não à toa o conflito entre pares distintos é eminente.

O enquadramento, enfoque desta pesquisa, torna-se um processo crítico em que seus afetos perpassados ao corpo que integra este fenômeno digital passa a entregar certos aspectos no meio midiático. Não há só uma função parcial de conteúdo, mas também certos aspectos que transformam o ser que é constantemente afetado por isso, conectado pelo seu smartphone diariamente.

A tentativa deste trabalho é relacionar o corpo, dentro de suas limitações e atrofias relacionadas dado que as novas mídias exigem demandas diferentes das quais o ambiente social possuía. Seu (corpo) aspecto relacionante às mídias digitais em constantes interações sociais são interessantes para dialogar os tipos de comunicações que se formam nessas ecológicas.

O afeto, como um elemento de ligação e troca, dentro desta esfera, imbrica em questões que são cruciais do indivíduo. A relação eu-tu é constante, com informações, usuários, suas trocas precedem certos elementos que perpassam pelo nosso corpo constantemente e temos pouca inteligência e compreensão do que ocorre. O afeto, como



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

um sentimento e um conceito que comove o espírito vivo, como uma relação de fazer para algo, ou alguém, tem uma categoria muito fluida que deve ser constantemente destacada. Seu movimento e ato consistem em construções distintas, em diferentes sistemas, dispositivos, que transformam e produzem fenômenos psíquicos que ultrapassam nossa percepção. Esse destaque sensível é importante pelas transformações que ele produz. Surge a necessidade de olhar para esses “silêncios” e “brechas” que a vida possui, pela demanda de solicitações que nossa sociedade atual necessita e não nos permite apreender certos fenômenos devido ao tempo escasso e fracionado.

Na comunicação, a compreensão das brechas torna-se um caminho para lidar com as intensidades e a eficiência, sendo um tempo de espera e rico em sua simplicidade e complexidade para captação de fenômenos pelas quais não estamos habituados a ter em nosso olhar.

Estudar o afeto é um ato político. O Professor Osório já disse isso várias vezes nessa semana, mesmo sem usar estas palavras. Quando se estuda este tipo de brecha, e eu falo brecha aqui pois é algo que não está em nosso foco diário, há uma nova construção de inúmeros pontos de vista que nem sempre são abordados pela nossa questão rotineira. O tempo é padronizante. Nosso trabalho tende a ser padronizante. Tudo porque o padrão sugere uma eficiência. A racionalidade técnica padroniza também nossas ações, pensamentos e principalmente nossas percepções. É por isso que o afeto deve ser algo a ser compreendido, com um olhar diferenciado, que exige uma pausa constante na nossa comunicação.

A interferência deste *bios* e esta configuração que esta nova ecologia nos entrega de uma vivência apresentativa, gera certas questões, como a auto-reflexividade exaltada em certos modelos de apresentação, são questões que perpassam pelo corpo e não tomam consciência de si. Os aspectos influenciadores deste *ethos* e enquadramentos geram uma coesão pelas mídias sociais, que, neste trabalho, buscaremos compreender algumas visões que o Twitter e o Facebook promovem, dentro de suas diferenças promovidas pela automatização. A identidade tornou-se um processo, já discutido no



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

primeiro seminário, que exige constante rememoração, todavia, não há espaço e condições dentro das demandas que permitam essa ação. O tempo interno surge como uma alegoria e fetichizasse dentro da capacidade de se relacionar socialmente. As ações tornam-se interpassivas, sem uma ideia própria do que isso realmente seja, e constantemente a imaginação também é um processo que se esconde. A curadoria de informações é um processo automático dentro da esfera digital, mas já se torna uma necessidade. A capacidade de hesitação do corpo depende de um reconhecimento próprio, sem lidar com apenas aquilo que é tecnológico, mas também biossocial.

Ricas em emoções, as informações, que muitas vezes são abordagens apelativas e de interesse da propagação de certos fenômenos midiáticos. Inteligir estes movimentos de seus sentidos é uma tarefa necessária para o olhar ao Corpo sem Órgãos deleuziano e sua realidade atual. Sem órgãos, este instrumento torna-se uma esfera condensada de energia, pulsões e platôs com inúmeras linhas de fuga que merecem uma atenção maior, dentro desta nova constituição de realidade, que se tornou o *bios midiático*.

Porém, a tentativa aqui é mapear certos fatores relacionantes aos padrões apelativos que certas manifestações (posts, tweets, trending topics, buzz, memerizações) buscam se engajar, dialogar com os diferentes autores, acerca da mutação antropológica que Muniz Sodré fala pela presença deste novo *bios* e, pela lógica da automação e da velocidade, inserir perspectivas deste CsO imerso na rede digital, com seus aspectos comparativos de identidade, desejos e afetos, principalmente levando em consideração o movimento emocional que Byung-Chul Han traz a tona sobre o mercado, mas, hoje, consiste propriamente num conflito entre os usuários.

Referências bibliográficas

CYRULNIK, Boris. *O sexto sentido*. Tradução Ana Rabaça. Lisboa: Instituto Piaget. 1999.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, volumes de 1 a 5. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo. Editora 34, 2011.

HAN, Byung-Chul. Psicopolítica: Neoliberalismo y nuevas técnicas de poder. Traducción de Alfredo Bergés. Barcelona. Herder. 2014.

HEPP, Andreas. KROTZ, Friedrich. Mediatized Worlds: Culture and society in a Media Age. Palgrave Macmillan. 2014.

MARTINO, Luís Mauro Sá. A estética da comunicação: da consciência comunicativa ao “eu” digital. Petrópolis: Vozes, 2007.

SERRES, Michael. Os cinco sentidos. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2001.

SODRÉ, Muniz. Antropologia do Espelho: Uma teoria da Comunicação Linear e em Rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

SAFATLE, Vladimir. O Circuito dos Afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Cosac Naify. 2015.

VAN DIJCK, José. The Culture of Connectivity: A Critical History of Social Media. Oxfordo. Oxford University Press. 2013.